

**COOTERAPEUTAS: O CÃO COMO AGENTE MEDIADOR NOS
PROCESSOS PSICOLÓGICOS DO SUJEITO**

Alice Feroldi Leitão¹

Anna Clara da Rocha Pereira²

Mauro Sergio da Rocha³

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR. Umuarama - PR, Brasil.
E-mail:alice.leitao@edu.unipar.br

² Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR. Umuarama - PR, Brasil.
E-mail:anna.rocha@edu.unipar.br

³ Professor Orientador do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR. Umuarama - PR, Brasil.
E-mail:rochapsc@unipar.br

COOTERAPEUTAS: O CÃO COMO AGENTE MEDIADOR NOS PROCESSOS PSICOLÓGICOS DO SUJEITO

RESUMO

A Terapia Assistida por Animais (TAA) visa uma relação da espécie animal e humana no tratamento, prevenção de doenças e promoção da saúde. Alia-se a um método alternativo sem contra-indicações ao enfrentamento de patologias de cunho emocional. O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre os benefícios do uso animal nas terapias alternativas, especificamente na psicoterapia em que o cão aparece como co-terapeuta. Foram realizadas pesquisas bibliográficas de cunho qualitativo a respeito das evidências dos benefícios advindos da TAA. Para tanto, apresenta-se relato de pesquisas que comprovam os benefícios desta modalidade, com êxito por meio de testes com grupos de sujeitos específicos. Conclui, assim, que o uso do cão como mediador no processo de recuperação do indivíduo promove saúde e bem-estar ao homem e ao animal.

Palavras-chave: terapia assistida por animais; Nise da Silveira; psicoterapia junguiana.

CO-THERAPY: THE DOG AS A MEDIATING AGENT IN THE SUBJECT'S PSYCHOLOGICAL PROCESSES

ABSTRACT

ANIMAL ASSISTED THERAPY (AAT) Animal Assisted Therapy is a form of treatment that encourage health promotion and disease prevention through the relationship between humans and animals. It is considered an alternative therapy methods, having there no contraindications when it come to the care of emotional pathology. This text aims to analyse the benefits of the use of animals in alternative therapies, especially in psychotherapy, where the dog steps in as the co-therapist. A literature review was conducted to map out the evidences of the benefits of AAT present in quantitative studies. Anecdotes from some of the published research found testing this mode of therapy on specific groups of individuals are presented in order to prove the benefits brought about by the successful implementation of AAT. In conclusion, dogs as mediators in the recovery of the individual are able to promote heath and wellness to both Man and animal.

Key words: Animal Assisted Therapy; Nise da Silveira; Jungian Therapy.

COOTERAPEUTAS: EL PERRO COMO AGENTE MEDIADOR EN LOS PROCESOS PSICOLÓGICOS DEL SUJETO

RESUMEN

La terapia asistida por animales (TAA) visa una relación de la especie animal y humano en el tratamiento, prevención de enfermedad y promoción de la salud. Aliado con método alternativo sin contradicciones frente a la patología emocional. El presente trabajo tiene como objetivo reflejar los beneficios del uso animal en las terapias alternativas, específicamente en la psicoterapia en la que aparece el perro como co-terapeuta. Fueron realizadas investigación bibliográfica cualitativa sobre la evidencia de los beneficios derivados de la TAA. Por eso se presenta informe de investigación que prueba los beneficios de esta modalidad, con éxito a través de las pruebas con grupos específicos sujetos. He concluido, así, que el uso del perro como mediador en el proceso de recuperación del individuo promueve la salud y bienestar del hombre y de los animales.

Palabras llaves: Terapia asistida por animales; Nise da Silveira; psicoterapia junguiana.

Animais : do campo ao lar

Não é atual o fato dos animais estarem inseridos na rotina familiar dos humanos. Desde os primórdios eles atuam em conjunto com o homem em diversos serviços, como atividades ligadas à caça, transporte e defesa da propriedade. Com o tempo, o envolvimento tornou-se maior, o que ocasionou uma intensidade nas relações afetivas com os humanos. Considerando esses fatos, profissionais de diversas áreas, sobretudo da saúde, desenvolveram técnicas que agregam os animais como co-terapeutas no tratamento de pacientes, visando a melhora significativa de seus aspectos biológicos e emocionais. Essa vertente científica denomina-se: zooterapia ou terapia assistida por animais (TAA) (Garcia & Botomé, 2008).

As pesquisas e comprovações em constante andamento, apontam para benefícios trazidos pelo relacionamento com os animais e informam sobre a importância desta relação. Nesta perspectiva, animais domésticos, silvestres e exóticos podem participar dos processos que auxiliam o sujeito - considerando a especificidade do animal e daquele que será atendido. De forma mais específica, estudos comprovam que a interação homem/animal, no âmbito terapêutico, colabora com o desenvolvimento intrapessoal e interpessoal do indivíduo, reduzindo sintomas depressivos e contribuindo para o desenvolvimento da compaixão e da percepção dos sentidos humanos básicos (Kobayashi et al., 2009).

Desta forma o uso da Terapia Assistida por Animais no setting terapêutico é benéfica para o terapeuta e para o cliente, pois desenvolve vínculo profissional, desprendimento dos preconceitos e um olhar livre sobre a história do sujeito, visando as técnicas, teorias sem

desvalorizar as vivências do sujeito atendido (Souza & Teixeira, 2004). Assim, podemos evidenciar como o animal atua efetivamente nesse objetivo, por ser livre dos padrões e estereótipos que os humanos podem possuir. Enquanto colaborador do processo, o animal não analisa idade, gênero, cor, ou patologia, desenvolvendo e despertando amor com o sujeito saudável ou doente na mesma proporção (Lima & Souza, 2018).

Este trabalho segue esta perspectiva na intenção de colaborar com a discussão que combina a natureza e o humano de forma cooperativa. Intenciona, dentro da perspectiva analítica junguiana, estudos já realizados nessa área e seus impactos na saúde mental do sujeito. Com isso, mostra como outras espécies podem transformar a condição de alguém através de uma interação diferenciada. Contribui, assim, para demonstrar os benefícios da participação dos animais nos processos emocionais, quando usados no setting terapêutico. A partir deste conhecimento, compreende-se de que forma essa relação pode contribuir para o processo de individuação do sujeito com dificuldades. Neste caminho, de forma específica, utiliza o cão para exemplificar formas de lidar com a natureza animal nos atendimentos psicológicos.

Psicologia analítica

Um grande inspirador para os estudiosos que falaremos no decorrer deste artigo foi Carl Gustav Jung, psiquiatra suíço que desenvolveu os conceitos da terapia analítica junguiana. Seus estudos entendem o sujeito humano em sua totalidade e considera por meio de seus estudos que a estrutura da psique é formada pelos seguintes conteúdos: persona (máscara social, a forma com qual os sujeitos se adaptam às realidades impostas); ego (base da consciência, centro subjetivo de identidade); sombra (recipiente de características consideradas negativas pelo sujeito, a forma de viver ou estar considerada imprópria); anima/animus (parte feminina e masculina presente em todos os humanos); si-mesmo (imagem interna de Deus) (Edinger, 2004).

Por meio dessas estruturas os sujeitos encontram maneiras de amenizar seus sofrimentos, silenciar dores e resolver problemas. A metodologia desta abordagem teórica propõe a reflexão sobre o “para que” das situações, contribuindo com o pensamento em direção a responsabilidade e as finalidades no momento presente da vida de cada indivíduo. Deste modo, visa trilhar um caminho em que o cliente é auxiliado em seu processo de individuação e transformação pessoal. Por meio do processo dialético no setting terapêutico

ocorre a oportunidade de equilíbrio entre os lados opostos (bons e ruins) dentro do sujeito. A partir da troca de informações é possível a construção de um diálogo, proporcionando assim um espaço de fala e escuta reflexiva que auxilia na externalização dos conteúdos do sujeito (Edinger, 2004).

Psicologia, psicologia analítica e coterapeuta

Retomando a estrutura que compõe o psiquismo humano, olhamos para os complexos ativos que atuam, por vezes, de forma angustiante na vida do paciente. Ao buscar auxílio profissional o sujeito precisará de uma estrutura básica que contribua para o acesso a esses conteúdos. Assim, como dito acima, por meio do método dialético desenvolvem-se os atendimentos psicoterapêuticos visando a formação de um diálogo entre cliente e psicoterapeuta numa construção que possibilita insights ao cliente. Ou seja, o esclarecimento sobre seus conteúdos, constrói uma nova forma de relacionar-se consigo mesmo e com o mundo ao seu redor (JUNG, 1998). A partir dessa proposta, o profissional também pode utilizar-se do cão como agente mediador desse processo, proporcionando maior efetividade em seus procedimentos. Diz-se isso, pois, o animal pode fortalecer a construção de vínculos, afeto e confiança (Silveira, 1998).

Atuando em cada paciente de maneira única, essa prática contribui para que o sujeito entre em contato com seus conteúdos de uma forma leve - considerando a relação com o animal. Tem-se exemplos dessa prática com portadores de transtorno mental em estado de internação. Neste ambiente o cão atuou como fonte de retorno para essa mente, transmitindo a possibilidade de autonomia, cuidado com o próximo e o afeto emocional (Prado, 2016). Outro exemplo encontra-se relacionado ao atendimento infantil, onde o animal se torna um auxílio para a criança externalizar seus sentimentos com o mundo em que vive. E quanto aos adultos, na psicoterapia, o animal desenvolve do mesmo modo afeto e quanto a abertura para a externalização de seus sentimentos, possibilitando uma nova forma de acesso aos complexos internos presentes na mente do paciente (Almeida, Paz & Oliveira, 2020).

Dentro deste panorama o animal é colocado como cooterapeuta e atua no processo de estruturação da psique do cliente. A perspectiva adotada mostra que, por meio da interação com o cão, ocorre a construção de vínculos que acessam as emoções do indivíduo por meio externos.

A intenção é fortalecer a estruturação do sujeito através de um processo contínuo de transformação subjetiva, propondo assim o caminho para o processo de individuação. Isso possibilita uma maior conexão do sujeito consigo mesmo, com os outros e com o todo ao seu redor, o mundo. Complementar a isso, o sujeito interage com seus conteúdos por uma via instintiva, o animal. Isto faz com que esse sujeito se coloque em interação com sua própria natureza, desmistificando a ideia de natureza como algo selvagem e indiferenciado. Abre-se assim o campo de possibilidades de entendimento de seus conteúdos menos explorados e, de certo modo, sombrios. Acessa conteúdos que, por vezes, ficam guardados na sombra ou que se mantêm unilaterais como personas que o mesmo veste para aceitação social.

Este contato com aspectos instintivos, projetados e conduzidos através da relação com o animal, contribui no processo do cliente em um constante caminho de transformação e transcendência de seus dilemas (Samuels et al., 1986). Dentro dessa proposta de trabalho oferece-se um caminho diferenciado para se refletir sobre os próprios conteúdos.

O cachorro como arquétipo

Os arquétipos atuam como referenciais herdados que o sujeito possui sobre determinado tema ou assunto. Podem ser compreendidos como a forma primária das pessoas verem as coisas ou sentirem. O arquétipo pode atuar no decorrer da vida do sujeito através da formação de complexos, conteúdos carregados de energia que influenciam o sujeito na vivência da própria realidade. São estes complexos que desenvolverão a forma com a qual o sujeito irá lidar com os conteúdos no seu dia-a-dia. Estas energias impactam suas relações com os objetos, com os outros e consigo mesmo (Samuels et al., 1986).

Neste trabalho, especificamente, tem-se a proposta de analisar o cão dentro de uma relação psicoterapêutica. Consequentemente, o entendimento do mesmo como um arquétipo e como complexo atuante que mobiliza outros complexos é uma necessidade.

Assim sendo, pode-se visualizar o impacto do cão como arquétipo na mente humana considerando seu aparecimento como representação simbólica em várias culturas. Este conteúdo pode ligar-se de modo inferior ao sujeito e ao mundo e, por outro lado, também traz uma representação apaziguadora, quando se mostra companheiro, leal e fiel. Na antiguidade era representado na arte como guia que conduzia as almas na passagem entre a vida e a morte e em diversas culturas tem sua representação ligada a um símbolo espiritual como guardião (Chaevalier, 2020).

Portanto, as associações quanto ao arquétipo do cão caminharam pela humanidade fortalecendo a imagem do cachorro como símbolo de afeto e representações positivas. Isso fornece mais evidências sobre os motivos da TAA ser tão benéficas aos humanos, considerando as contribuições do arquétipo presente no inconsciente coletivo sobre a figura do cachorro.

Considerando a existência do inconsciente coletivo e pessoal em conjunto com a consciência, chega-se ao ponto de que a relação com o cão perpassa pela humanidade e acrescenta uma forma de interação do sujeito com seus instintos e outras características vinculadas a processos naturais.

Aplicabilidade do cooterapeuta

Ao considerar o desenvolvimento histórico dessa prática, observa-se que a precursora do uso de animais como cooterapeutas no Brasil foi a médica psiquiatra Nise da Silveira, na década de 1950. Esta profissional da saúde atuou no hospital psiquiátrico D. Pedro II no Engenho de Dentro, Rio de Janeiro, opondo-se aos métodos utilizados pelos médicos da época em relação ao tratamento que era oferecido aos internos psiquiátricos - choque elétrico, camisa de força, lobotomia e outras práticas violentas. Neste percurso, foi designada a cuidar do setor de Terapia Ocupacional do hospital, local que era desacreditado pelos médicos e operacionalizado pelos enfermeiros (Prado, 2016).

Desta forma, Silveira (1998) implantou alternativas ao tratamento dos pacientes psiquiátricos que, outrora, tinham como momentos de lazer os serviços de limpeza e arrumação do hospital. Nesta época, também, ela percebeu que o trabalho de arteterapia e a relação com os animais como co-terapeutas poderiam promover apoio e sentimento àqueles que estavam condicionados a rigorosas regras. Por meio de esculturas, desenhos, pinturas, bordados e outras formas de manifestação artística, os internos demonstravam sua afetividade e descreviam em outras palavras seus conflitos. De forma específica, na relação com os animais, os internos podiam acariciar e desenvolver afeto pelos animais, além de cuidar dos mesmos, ato que auxiliava na noção de autonomia e expressão das emoções.

Silveira (1998) revolucionou o tratamento de esquizofrenia no Brasil, dando aos pacientes a chance de expressão e de existirem realmente por meio da arte e da conexão com os animais. Seu maior impasse foi a preocupação dos supervisores quanto à higiene advinda

dos cães e gatos, o que ocasionou posteriormente a morte por envenenamento dos animais (Prado, 2016).

Em seu livro, *Gatos, a Emoção em Lidar*, Silveira (1998) descreve a trajetória e relação desses animais com a humanidade. Também relata a atuação dos gatos como co-terapeutas atuantes na vida dos pacientes. Visto que, para muitos, o animal era o único canal de vida que ligava-se diretamente a eles (Silveira, 1998).

Dentre as contribuições dos animais no tratamento com humanos, nos anos 60, o psicólogo americano Dr. Boris Levinson desenvolveu um trabalho no Brasil utilizando animais para o tratamento de crianças. Isso resultou em um artigo sobre o uso de animais na psicologia *O cachorro como um co-terapeuta* (Levinson, 1962). Tanto Levinson (1962) quanto Silveira (1998) inspiraram-se nos estudos de Carl Gustav Jung e eram seus precursores (Lima & Souza, 2018).

Com os estudos desenvolvidos por Silveira (1998) e outros profissionais como o Levinson (1962), pode-se compreender a atuação do animal no bem-estar do ser humano em diversas idades, condições físicas ou mentais. Desta forma, no processo de desenvolvimento do ser humano, observa-se que cada fase carrega suas próprias necessidades.

Com base em Duarte et al. (2019), no envelhecimento existe a dedicação por parte dos familiares e profissionais da saúde que os rodeiam para que os idosos desfrutem do melhor desse período. Por isso, o idoso que mora com os familiares e partilha da mesma rotina tem fortalecido a sensação de pertencimento, entretanto, o que se encontra institucionalizado, na maioria das vezes, se vê em um sentimento de vazio e exclusão da sociedade. Ao ver-se sozinho o idoso pode desenvolver inúmeras patologias de cunho emocional, sendo essas grandes inimigas da saúde e do bem estar do indivíduo, por isso ter o animal como co-terapeuta nesse período ou como companheiro tem grandes benefícios a saúde física e mental do idoso.

Com objetivo de atestar os fatos relatados acima, pesquisa realizada em João Pessoa, na Faculdade Maurício Nassau (Uninassau), apresenta que os estudantes de Medicina Veterinária desenvolveram uma pesquisa com um grupo de idosos entre homens e mulheres. A seleção dos participantes foi realizada pela psicóloga da instituição, considerando os quadros de saúde destes - apresentavam sintomas de ansiedade e depressão, medo, inquietação e desânimo. Três cachorros foram utilizados como agentes mediadores nas técnicas aplicadas, possibilitando ao idoso o contato físico com o animal. Após acariciar ou

escovar os pelos dos animais, os participantes eram questionados sobre como se sentiam. Através de uma escala para medir sua satisfação quanto ao seu estado no momento, obteve-se resultados positivos. Os idosos apontaram a sensação de felicidade e bem estar após o contato com os animais. Favorecendo também o fortalecimento das relações interpessoais entre os idosos asilados (Duarte et al., 2019).

Através destas pesquisas, considera-se possível o trabalho com co-terapeutas também em ambiente hospitalar visando a promoção de saúde e autonomia do interno (Brasil, 2001). Abre-se, assim, um novo campo quanto às relações entre pacientes, profissionais da saúde e acompanhantes. Sendo assim, projetos de aproximação com os animais ganharam espaço, pois, por não apresentarem uma perspectiva farmacológica, se mostram possíveis a quase todos os sujeitos (Kobayashi et al., 2009).

Ademais, no que tange os processos cirúrgicos e medicamentosos dentro dos hospitais, o cão auxilia na companhia dos pacientes contribuindo para o crescimento do afeto e sensação de conforto e segurança. Nestes quadros, o contato com os cães demonstram efetivos resultados. Não apenas no âmbito emocional, mas também em alterações biológicas que podem reduzir doenças ligadas ao coração e do sistema nervoso, aumentando a dopamina e outras substâncias que afetam diretamente quadros ligados à ansiedade (Kobayashi et al., 2009).

Por meio dessa acessibilidade dada aos animais para atuação no campo da saúde, em 2006 foi estabelecido o Projeto Amicão (PA) pelo Departamento de Pediatria e Diretoria de Enfermagem do Hospital São Paulo. Este visava o trabalho com a terapia assistida por animais (TAA) objetivando humanizar espaços a fim de trazer alento aos envolvidos no processo (Martins, 2004). O projeto inicial continha diretrizes quanto ao animal, paciente e organização do programa, tendo em mente o cuidado com a higienização e bem-estar do animal co-terapeuta. Além disso, a concordância do paciente em receber o animal também foi essencial para o bom desenvolvimento do trabalho. Nesse projeto, as atividades de interação duravam cerca de cinco a quarenta minutos dependendo do local de atuação, no setor infantil ou psiquiátrico. A ação possibilitava ao paciente acariciar e escovar o cão Joe, da raça Golden Retriever, de dois anos de idade. Sempre acompanhado por uma tutora, uma assistente social da pediatria e por um profissional da diretoria de enfermagem do Hospital São Paulo. Com duração de dois anos, aceitação e retorno positivo de todos, não foi relatado nenhum transtorno causado aos envolvidos (Kobayashi et al., 2009).

Transformando a patologia em energia psíquica fluida

A relação entre os motivos que levam os sujeitos a encontrarem realização e motivação é estudada em diversas teorias e justificada de várias formas. Para a psicologia analítica a energia que ronda os corpos humanos é trocada entre estes durante as relações interpessoais, visando o esgotamento ou energização desta a depender de seu perfil psicológico. Bem como podem ser envolvidas nas demandas diárias (cuidados com o lar, trabalho remunerado, estudos) e também influenciadas pelos arquétipos que ligam a humanidade em uma grande teia de relações (Edinger, 2020).

Através da conexão com o animal há a possibilidade do desenvolvimento da auto cura, ou seja, o encontro do sujeito com a renovação de seu estado originário energético. Isto contribui com a restauração de ligações psíquicas internas ou forças emocionais que impulsionam o viver diário. Através de um mecanismo não medicamentoso, os animais auxiliam na transformação das relações de energia, e são indicados a qualquer sujeito humano sem contraindicações (Himmel, 1998).

Portanto, pode-se concluir que a troca de energia entre o animal e o cliente atendido nos diversos espaços (hospitais, clínicas, lares de repouso) produz benefícios duradouros.

Conclusão

Por meio deste estudo foi apresentado os benefícios da Terapia Assistida por Animais (TAA) comprovando os ganhos ao usar o cão como agente mediador nos processos psicoterapêuticos, em diversos locais. Por meio de pesquisas, fortaleceu-se a ideia de que esta prática pode ser uma ferramenta útil ao processo psicoterapêutico.

Possibilita-se, assim, o entendimento de que o uso de animais co-terapeutas proporcionam a melhoria da qualidade de vida do usuário que se presta a essa modalidade de atendimento.

Desta forma, de acordo com as evidências apresentadas ao longo do trabalho, pode-se evidenciar seus benefícios. Além disso, este material visa conscientizar os leitores sobre a importância em buscar métodos não medicamentosos e incentivar novos profissionais a especializarem-se nessa área tão rica em vantagens para todos os envolvidos.

Avaliando assim, demonstra-se como esses animais podem auxiliar no tratamento de transtornos físicos e mentais, sendo relevante para sociedade como um todo, alcançando usuários, familiares e profissionais.

No âmbito da psicologia, importa o uso das terapias alternativas que visam, além da cura e/ou estabilização do problema do sujeito, a relação existente entre o humano e o animal. Deste modo, o cão como acompanhante ou co-terapeuta atua efetivamente na ligação emocional do sujeito humano com seu interior, contribuindo para a organização de sua vida psíquica. Pois, por meio do animal encontra uma forma para mediar sua estruturação psíquica. Tendo assim a intenção de produzir autonomia ao sujeito no gerenciamento de seus conteúdos internos e dilemas do dia-a-dia, por meio do “processo de individuação” (Edinger, 2004, p. 35).

Referências Bibliográficas

- Almeida, J. R.; Paz, C. E. D. O.; Oliveira, M. R. (2020). Cinoterapia: A Importância Do Vínculo entre Cães e Humanos, uma Revisão Sistemática. *Psicologia Portal dos Psicólogos*, [S. l.], p. 1-30, 17 fev. Recuperado de <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1388.pdf>.
- Brasil. Ministério da saúde (2001). Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar. Série C. Projetos, *Programas e Relatórios*, n.20. Brasília, 2001. Recuperado de <<https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnhah01.pdf>
- Chevalier , J; Gheerbrant, A. (2020) *Dicionário dos Símbolos*. [S. l.: s. n.]. São Paulo: José Olympio
- Clerici, W. G. L. (2009) *Zooterapia com Cães: um estudo bibliográfico*. Itajaí, SC. 31 f. Monografia (Bacharel em Psicologia) - Universidade do Vale do Itajaí. Recuperado de <http://siaibib01.univali.br/pdf/lisandra%20garcia%20wastowski%20clerici.pdf>
- Cury, A. (2013). *Ansiedade: Como enfrentar o mal do século*. [S. l.]: Benvirá.
- Duarte, G.; Et Al. *Zooterapia Aplicada a Melhor Idade*. In: Congresso Internacional de Envelhecimento Humano, João Pessoa. ANAIS de evento. João Pessoa: Editora Realize, 2019. p. 01-05. Recuperado de https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2019/TRABALHO_EV125_MD4_S A11_ID947_22052019105711.pdf
- Edinger, E. A.(2004). *Ciência da Alma*. 1. ed.. São Paulo: Paulus

- Edinger, E. F. *O ego alienado: o eixo ego-si-mesmo e o ciclo da vida psíquica*. In: Edinger, E. F. *Ego e Arquétipo: Uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung*. 2. ed. São Paulo: Pensamento Cultrix, 2020. cap. 2, p. 65-69
- Garcia, P. M.; Botomé, P. S.(2008). Da Domesticação à Terapia: o uso de Animais para fins Terapêuticos. *Interação em Psicologia*. Curitiba. v. 1, n. 12, p. 165-167, janeiro/junho.
- Himmel, M. (1998). *As árvores curam: o poder terapêutico das árvores*. São Paulo: Madras.
- Jung C. G.(1998). *A Prática da Psicoterapia*. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes.
- Kobayashi T, C et al. (2009). Desenvolvimento e implementação de Terapia Assistida por Animais em hospital universitário. *Revista Brasileira de Enfermagem [online]*. , v. 62, n. 4 [Acessado 2 Agosto 2022] , pp. 632-636. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0034-71672009000400024>
- Lima, A. S.; Souza, M. B. (2018). Os benefícios apresentados na utilização da terapia assistida por animais: revisão de literatura. *Revista Saúde e Desenvolvimento*, [S. l.], v. 12, n. 10, p. 225-241, 7 mai. 2018. Recuperado de <https://www.revistasuninter.com/revistasauade/index.php/saudeDesenvolvimento/article/view/880#:~:text=Podem%20apresentar%20de%20acordo%20com,na%20postura%20educativa%2C%20dentre%20outros>
- Levinson, B.M. (1962). *O cão como "co-terapeuta"*. São Paulo: Editora Med Vet.
- Martins, A. (2004). Biopolítica: o poder médico e a autonomia do paciente em uma nova concepção de saúde. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, São Paulo, v. 8, n. 14, p. 21–32
- Nobre, M. O. Et Al. (2017). Projeto Pet Terapia: Intervenções Assistidas Por Animais: Uma Prática para o benefício da Saúde e Educação Humana. *Expressa Extensão*, [S. l.], v. 22, p. 79-89
- Prado, L. R. A. (2018). Nise da Silveira e o mundo das imagens. *Passages de Paris – Revista Científica da Associação dos Pesquisadores e Estudantes Brasileiros na França.*, [S. l.], v. 13, p. 482-492
- Silveira, N. (1998) *Gatos a emoção de lidar*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial
- Souza, M. M.; Teixeira, R. P. (2004) O que é ser um “bom” psicoterapeuta?. *Aletheia*, Canoas, n. 20, p. 45-54, jul./dez.

Samuels, R. A.(2003). *Dicionário crítico de análise junguiana*. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 144 p.

Stein, M. (2000). O surgimento do si-mesmo (Individuação). In: STEIN, Murray. *Jung: O Mapa da alma*. 1. ed. [S. l.]: Cultrix, cap. 8, p. 153-175.